

Pesquisa conduzida em parceria entre o Gabinete da Biodiversidade dos Açores, da Universidade dos Açores e a Câmara Municipal da Praia da Vitória para detecção da área afectada pela Térmita subterrânea *Reticulitermes flavipes*.

A equipa de Monitorização e controle das térmitas (EMCTA) do grupo de Biodiversidade dos Açores (GBA) realizou em conjunto com a Câmara Municipal da Praia da Vitória (CMPV), durante esta última semana, a colocação de armadilhas no antigo bairro americano na zona de Santa Rita. Estas armadilhas têm como principal objectivo a elaboração de um mapa com as zonas afectadas pela térmita *Reticulitermes flavipes*.



Fig. 1: Indivíduo da espécie *Reticulitermes flavipes* e túnel construído pela espécie em madeiras expostas à intempérie no quintal de uma habitação.

A pesquisa consiste na colocação de 96 armadilhas com um isco (cartão) ao longo de cinco transeptos que atravessam longitudinalmente todo o antigo bairro americano e áreas adjacentes. Com esta primeira abordagem pretende-se, acima de tudo, entender a real distribuição da espécie de forma a se verificar a possibilidade, ou não, de sua erradicação. Um outro objectivo é a elaboração de um plano com várias medidas a serem adoptadas, tanto pela autarquia como pelos vários moradores da área em questão, de forma a minorar os impactos causados por esta espécie, que é uma praga bastante destrutiva em toda a costa Este dos Estados Unidos da América.

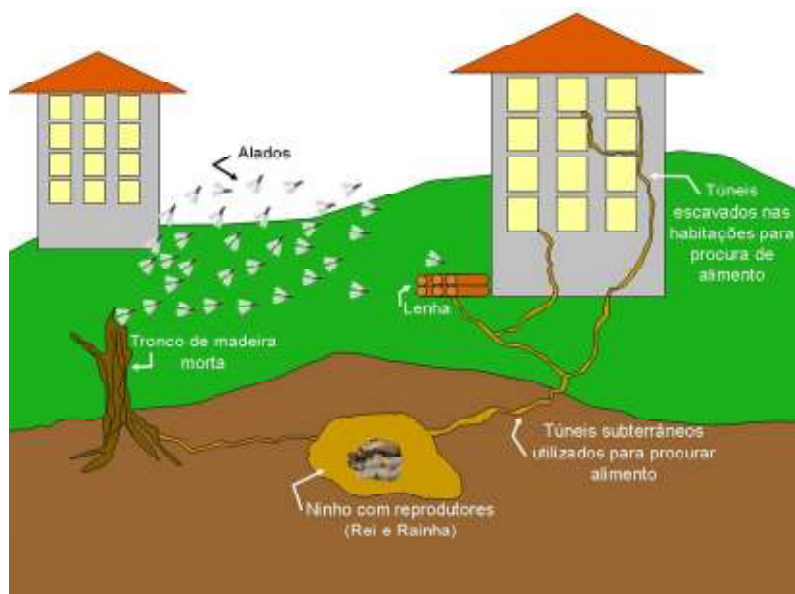


Fig. 2: Esquema de dispersão da praga

O procedimento do trabalho de campo foi deveras simples, mas muitíssimo proveitoso uma vez que integra os habitantes e as instituições envolvidas no problema. Foi mesmo identificada mais uma habitação com a presença desta espécie durante o período em que os técnicos estiveram em campo a colocar as referidas armadilhas.



Fig. 3: Armadilha utilizada para verificar a presença da térmita subterrânea

As armadilhas são bastante simples e foram colocadas em diversas áreas, abrangendo zonas de habitação (quintais e hortas), zonas de mato e caminhos públicos. Deste modo procuramos entender se a praga está dispersa muito além da área já identificada, afectando outras habitações e mesmo zonas de floresta e mato. Futuramente a equipa voltará a campo para monitorar as armadilhas e verificar a presença, ou não, dos indivíduos da espécie nas armadilhas.

Esperamos que esta frutuosa parceria entre a CMPV e o GBA da Universidade dos Açores seja proveitosa para toda a comunidade da ilha Terceira, em particular a comunidade já afectada da área em estudo, e que seja possível a médio prazo entender a distribuição e real impacto da praga visando a sua potencial erradicação.